La Comédiathèque

Nem sequer morto

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

Nem sequer morto

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Numa cama de hospital, um homem que perdeu a memória depois de uma operação de última hipótese vê desfilar todas as mulheres de quem se esqueceu. Será alguma delas a mulher da sua vida?

Elenco
Um homem e uma mulher
(ou vários homens e mulheres)

© La Comédiathèque

Um quarto impessoal, apenas com uma cama de solteiro, uma mesa de cabeceira e uma cadeira. Uma mulher de pijama às riscas dorme na cama. O telemóvel, pousado na mesa de cabeceira, toca. Ela acorda e atende.

Mulher – Estou? Sim, sou eu... Está bem... Não, não, meto-me já no carro e vou para aí. Obrigada por terem ligado...

Pousa o telemóvel e fica um momento a pensar. Depois levanta-se e sai.

Silêncio. Ouvem-se acordes de música exageradamente dramática.

O telemóvel volta a tocar. A música interrompe-se. Ouve-se a mensagem do atendedor de chamadas.

Mulher *(voz gravada)* – Ligou para o teatro *(pode indicar-se o nome do teatro onde a peça está a ser representada)*. De momento não estamos disponíveis. Por favor, não deixe mensagem: também nós não lhe deixaremos nenhuma. Não se esqueça de desligar o telemóvel e de esquecer tudo o resto.

Escuro.

Música de espera de um atendedor de chamadas.

1 - Levanta-te e anda

Luz. Um homem de pijama às riscas dorme na cama. Entra uma mulher que poderia ser a mãe dele: roupa antiquada, sem maquilhagem, andar pouco enérgico. Aproxima-se da cama.

Mulher – Está na hora... *(Como ele não responde, levanta a voz e sacode-o com força.)* Está na hora!

O homem acorda sobressaltado e olha para ela, desorientado.

Homem – Mãe? Mas o que estás aqui a fazer?

Mulher – Está na hora, meu filho.

Homem – Na hora? Que horas são?

Mulher – Não sei. Mas está na hora.

Homem – Mas, afinal... na hora de quê?

Tenta sentar-se, mas tem de parar para recuperar o fôlego.

Mulher – Vá lá, preguiçoso! Faz um esforço, bolas! Levanta-te e anda!

Começa a recuperar os sentidos.

Homem – Tenho a sensação de já ter ouvido isso em qualquer lado.

Mulher – Infelizmente, tenho de te repetir isso todas as manhãs. *(Ele olha para ela, espantado.)* Estás bem? Estás com um ar esquisito...

Homem – E és tu que me dizes isso? Ouve, mãe, não leves a mal, mas...

Mulher – O quê?

Homem – Julgava que estavas morta...

Mulher – Mas... estou.

Uma pausa.

Homem – Bem me parecia que havia qualquer coisa diferente em ti.

Mulher *(ofendida)* – Ah, sim?

Homem – Não, mas... para melhor, juro! E o pai?

Mulher – Também morreu. E tu, tens a certeza de que não estás morto?

Homem – Acho que não...

Mulher – Portanto, não tens a certeza.

Homem – Suponho que, quando se está morto, se sabe, não?

Mulher – Isso é que não sei... Ao menos tens comido bem?

Homem – Não sei... Porquê?

Mulher – Se comes, é porque não estás morto.

Procura no bolso do casaco, tira uma maçã e estende-lha.

Mulher – Toma, trouxe-te isto.

Ele pega na maçã com alguma desconfiança.

Homem – Uma maçã... Como a bruxa da Branca de Neve...

Mulher – Estás a armar-te em Branca de Neve?

Homem – Estou só a ser prudente.

Mulher – Desconfias da tua própria mãe?

Homem – Não te esqueças de que, supostamente, estás morta.

Mulher – Estás a chamar-me bruxa, é isso?

Homem – Se já fico de pé atrás com águas paradas, imagina com uma mãe morta...

A mulher olha à sua volta.

Mulher – Isto não é lá um sítio muito alegre...

Parece reparar pela primeira vez no lugar onde está.

Homem – Não... Onde estamos?

Mulher – Parece um manicómio.

Homem – Se estivesse louco, já me teriam posto uma camisa de forças.

Mulher – E a tua mulher? Vem visitar-te de vez em quando?

Homem – Não... Quer dizer, não me lembro bem... Sou casado?

Mulher – E os teus amigos? Ao menos tens amigos?

Homem – Não sei. Ainda não vi ninguém.

Mulher – Que queres? Sempre foi assim... Desde miúdo nunca foste muito popular...

Homem – Obrigado... Já me sinto muito melhor...

Mulher – Até eu me pergunto porque é que vim. Nem sequer estás morto!

Homem – Desculpa desiludir-te mais uma vez.

Mulher – Conseguiste falhar tudo na vida. *(Começa a sair, mas volta-se uma última vez.)* Até a tua própria morte.

Ela sai. Ele contempla a maçã, dá-lhe uma dentada e deixa o resto na mesa de cabeceira. Mastiga um momento antes de engolir.

Homem – Portanto, não estou morto...

Escuro. Música de espera de um atendedor de chamadas.

2 - Sala de recobro

Luz.

O homem de pijama às riscas continua deitado na cama. Vai acordando devagar, senta-se e olha à sua volta, sem parecer saber o que faz ali. Entra a mesma mulher, agora com uma aparência vinte anos mais jovem: roupa mais moderna, batom e um ar decidido. Traz um pequeno-almoço simples num tabuleiro.

Mulher – Bom dia!

O homem parece ter dificuldade em despertar por completo.

Homem – Bom dia...

Mulher – Como estás?

Homem – Estou bem... Acho.

Mulher – Trouxe-te o pequeno-almoço.

Homem – Pequeno-almoço na cama? Obrigado, mas... o que é que se comemora?

Ela não responde. Sorri com indulgência e senta-se à cabeceira.

Mulher – Não sei se o café está bom. Expresso é que não deve ser.

Homem – Não faz mal, bebo-o na mesma... Sinto-me como se estivesse de ressaca.

Começa a beber o café e a comer uma tosta.

Mulher – Desculpa, acho que as tostas são sem sal...

Ele sorri e continua a mastigar.

Homem – Sabes no que estava a pensar?

Mulher – Não...

Homem – Acho que não se pode mudar grande coisa.

Mulher – As coisas? Queres dizer...

Homem – Ou as pessoas.

Mulher – Ah, sim...

Homem – Com a minha família, por exemplo... Percebi logo que não ia dar certo.

Mulher – A tua família? Lembro-te que sou tua mulher...

Homem – Não, claro que não estou a falar de ti. Tu és um caso à parte... *(Uma pausa.)* Tens a certeza de que somos casados?

Mulher – Porque é que me perguntas isso?

Homem – Não sei... Durmo numa cama de solteiro...

Mulher – Ah, sim...

Homem – Nem sequer me lembro de ser casado, imagina! O médico disse que era normal. Ainda não recuperei a memória de curto prazo.

Mulher – Estamos casados há vinte anos...

Homem *(distraído)* – Sim, é curioso, não é? «Ainda não recuperou a memória de curto prazo.» Foi a última coisa que ouvi e a única de que me lembro... *(Uma pausa.)* Talvez venha daí...

Mulher – O quê?

Homem – Esta minha necessidade de estragar tudo... Para não correr o risco de ficar desiludido... *(Pega na maçã e observa-a.)* Quando a maçã já tem bicho, a coisa não pode acabar bem para ninguém.

Mulher – A não ser para o bicho... *(Ele olha para ela, surpreendido. Ela apressa-se a emendar.)* Desculpa, nem sei por que é que disse isto...

Homem – Não, tens razão... Nunca ninguém pensa no bicho.

Mulher – E tu não és uma maçã.

Homem – Não sei. Já não sei de nada.

Mulher – Tomaste os teus medicamentos?

Homem – Que medicamentos?

Mulher – Vou buscar-te um copo de água.

Ela sai. Ele dá outra dentada na maçã. Ela regressa com um copo de água e uns comprimidos. Há qualquer coisa diferente nela — um acessório, uma peça de roupa ou uma peruca. Nada de extravagante, mas algo bastante visível e um pouco estranho. Ele parece não reparar. Ela entrega-lhe o copo de água como se nada fosse.

Homem – Obrigado.

Ele pega nos comprimidos que ela lhe dá e engole-os. Ela fica a olhar para ele.

Homem – Que foi? O que é que eu tenho?

Mulher – Tenho uma coisa para te dizer.

Homem – Está bem.

Mulher – Não é fácil de dizer.

Homem – Estás a assustar-me...

Mulher – Não é sobre ti. Quer dizer, é, mas...

Homem – Está bem...

Mulher – A verdade é que eu... não sou exatamente... quem tu pensas.

Homem – Como assim? Eu nem sequer sei o que pensar.

Mulher – Seja como for, sou tua mulher.

Homem – Queres dizer que... me andas a enganar?

Mulher – Não, não é nada disso. Bem...

Homem – Bem, o quê?

Mulher – Não te estou a enganar nesse sentido... Mas já te enganei.

Homem – Quando? Com quem?

Mulher – Não foi com outro homem, podes ficar descansado.

Homem – Nem estava preocupado.

Mulher – Não, quero dizer que te enganei... que nunca te contei a verdade. Menti-te.

Homem – Sobre o quê?

Mulher – Sobre tudo. Desde sempre. Na verdade, não sou propriamente uma mulher...

Homem – Estou casado com um homem e nunca dei por isso?

Mulher – Também não sou um homem.

Homem – Bem... então és qualquer coisa entre os dois.

Mulher – Diria antes que não sou nem uma coisa nem outra.

Homem – Ah... então deve ser por isso que nunca tivemos filhos.

Mulher – Sim... entre outras razões...

Homem – Ainda há mais?

Mulher – Não sou daqui.

Homem – Daqui? Mas onde é que estamos, afinal?

Mulher – Venho de um mundo diferente do teu.

Homem – És uma bruxa... És a Samantha e eu sou o Darrin.

Mulher – As bruxas não existem. Toda a gente sabe disso.

Homem – Portanto, também não és uma bruxa.

Mulher – Lembras-te da minha mãe?

Homem – Não.

Mulher – A minha mãe deu-me à luz depois de receber a visita de um extraterrestre.

Silêncio. Ele olha para ela, à procura de uma resposta.

Homem – Acho que já ouvi essa história em qualquer lado.

Mulher – Talvez numa igreja. A história da gravidez da Virgem Maria.

Homem – Sim... Ou então é dos medicamentos...

Escuro. Música de espera de um atendedor de chamadas.

3 - Doutora Ionesco

Luz.

O mesmo quarto, agora com pormenores que revelam tratar-se de um quarto de hospital: um gráfico clínico ao fundo da cama e um suporte de soro junto à mesa de cabeceira, por exemplo. O homem acorda na mesma cama. Entra a mesma mulher, agora de bata branca.

Mulher – Então, meu caro senhor? Como se sente hoje?

Homem – Bem... Quer dizer... Mas o que está a fazer no meu quarto?

Mulher – Ah... Essa pergunta mostra que ainda não recuperou completamente a memória de curto prazo.

Homem – Não me lembro de nada... a não ser de já me ter dito isso.

Mulher – Não se preocupe. É muito frequente depois de uma intervenção destas. Quando se mexe no cérebro...

Homem – No cérebro? Estou a ver...

Mulher – Se ainda consegue ver, já não é mau... Ouça, não vale a pena esconder a verdade: o seu estado... é muito preocupante.

Homem – Preocupante para mim, imagino.

Mulher – Gostava de lhe dar boas notícias, mas que quer que lhe diga? Não sou Deus Nosso Senhor.

Homem – O que, por si só, já é uma boa notícia para mim.

Mulher – Acha?

Homem – Acordar de uma operação ao cérebro e encontrar Deus Nosso Senhor à cabeceira...

Mulher – Pois claro... Portanto, os resultados dos primeiros exames não são muito animadores... para si.

Homem – Estou a ouvir.

Mulher – Se ainda ouve, também já não é mau...

Homem – Então está a dizer-me que... é grave.

Mulher – Meu Deus... Não necessariamente...

Homem – Como assim?

Mulher – O grave é que... não fazemos a menor ideia do que tem.

Homem – Ah... E suponho que isso é grave... para si.

Mulher – Se não sabemos o que tem, também não sabemos como tratá-lo. Resumindo, não sabemos o que fazer... E quando não sabemos o que fazer, não sabemos o que dizer. Francamente, meu caro senhor, já não sei o que lhe dizer...

Homem – Ouça, doutora... Posso chamar-lhe doutora?

Mulher – Tirei o curso de Medicina na Roménia... *(Radiante.)* Mas claro! Faça favor de me chamar doutora.

Homem – Sei que está muito preocupada comigo, mas eu, por mim, estou mais preocupado com a saúde mental da minha mulher.

Mulher – A sua mulher? Ora essa...

Homem – Custa a acreditar, mas... a minha mulher julga que é marciana.

Mulher – Ora essa...

Homem – Não parece muito surpreendida.

Mulher – Claro que estou, mas... para ser sincera... *(Consulta o processo.)* Nem sabia que era casado. Pelo menos não consta do seu processo clínico.

Homem – Talvez tenham achado que o casamento não era uma doença suficientemente grave para constar do processo.

Ela solta uma gargalhada um pouco forçada.

Mulher – Pelo menos recuperou o sentido de humor. E isso é bom sinal, não acha? Conhece Ionesco?

Homem – Pessoalmente, não.

Mulher – Era romeno, como eu. E tenho a honra de ter o mesmo apelido. Segundo a minha mãe, somos parentes afastados.

Homem – A sério?

Mulher *(em tom confidencial)* – Cá entre nós, sempre achei que os romenos tinham mais jeito para o teatro do absurdo do que para a neurocirurgia.

Homem – Obrigado, doutora Ionesco. É exatamente o tipo de coisa que um doente gosta de ouvir da boca da cirurgiã que lhe operou o cérebro...

Mulher – Ora essa, é para isso que aqui estou. Se tiver mais perguntas, faça favor.

Homem – E... há alguma coisa que possa fazer pela minha mulher?

Mulher – A sua mulher? Meu Deus... Primeiro teríamos de confirmar que tem mesmo uma mulher...

Homem – Ah, sim, evidentemente.

Mulher – E depois confirmar que ela não é, de facto, uma extraterrestre.

Homem – Como assim?

Mulher – Convenhamos: se a sua presumível mulher vier mesmo de Marte, não podemos considerá-la louca por afirmar que é marciana.

Homem – Visto assim...

Mulher – Pelo menos é isso que nos ensinam nas faculdades de Medicina da Roménia.

Ele observa-a como se só agora a visse.

Homem – É extraordinário, doutora Ionesco...

Mulher – O quê?

Homem – É tão parecida com a minha mulher... Quero dizer, seria, se eu fosse casado.

Mulher – E, no entanto, garanto-lhe que não venho de Marte.

Homem – Não, vem da Roménia. E... foi mesmo a senhora que me operou, não foi?

Mulher – Infelizmente para si, fui... Talvez um médico de outra galáxia o tivesse conseguido salvar.

Homem – Acha...?

Mulher – Dizem que são civilizações muito mais evoluídas do que a nossa. É de supor que os médicos deles estejam mais bem preparados do que uma simples interna formada em Bucareste...

Homem – Sim, mas...

Mulher – Tem razão... A este nível de especulação, nem sei se ainda podemos falar de hipóteses razoáveis. Vou deixá-lo descansar. Volto mais tarde...

Homem – Posso pedir-lhe mais um favor?

Mulher – Desde que não seja salvar-lhe a vida...

Homem – Se encontrar a minha mulher, diga-lhe que não sou casado.

Mulher – Não deixarei de o fazer.

Homem – Obrigado.

Vai sair, mas volta-se uma última vez.

Mulher – Posso pedir-lhe também uma coisa?

Homem – Desde que não me pergunte como me chamo.

Mulher – Podia voltar a chamar-me doutora, só mais uma vez?

Homem – Obrigado, doutora Ionesco. Adeus, doutora.

Escuro.

Música de espera de um atendedor de chamadas.

4 - Último sacramento

Luz.

O homem está sentado na cama, de olhar perdido. Entra uma mulher vestida de padre.

Mulher – Bom dia, meu filho.

Homem *(quase sem se espantar)* – Bom dia, pai...

Mulher – Sou a capelã deste hospital.

Homem – Bom dia, padre.

Mulher – Vim assim que me chamaram.

Homem – Tem a certeza de que fui eu que a chamei?

Mulher – Alguém me pediu para vir vê-lo. Tinha um ligeiro sotaque romeno.

Homem – Ah, sim... A minha cirurgiã...

Mulher – Pelo que percebi, era bastante urgente... Mas, se acha que ainda não está preparado, posso voltar mais tarde.

Homem – Não, não, por favor. Assim fica já tratado. Para o que der e vier. Embora não saiba quanto tempo é válido...

Mulher – Válido?

Homem – A extrema-unção. Se uma pessoa não morrer logo, por quanto tempo é que continua válida? Três meses, talvez? Como um atestado médico.

Mulher – Confesso que nunca me fizeram essa pergunta. E, até hoje, nunca tive um caso desses...

Homem – Quer dizer que nenhum dos seus fiéis sobreviveu depois de receber a extrema-unção?

Mulher – Bem... a verdade é que não...

Homem – E tem mesmo a certeza de que sou católico?

Mulher – Valha-me Deus... Confesso que nunca me ocorreu pedir uma certidão de batismo numa situação destas. Não imagino um moribundo a mentir sobre a religião só para conseguir uma extrema-unção à última hora. Não tem a certeza de ser católico, meu filho?

Homem – Também não me lembro de ser judeu nem muçulmano. E, como não sou circuncidado... Eu não sou circuncidado, pois não?

Mulher – Meu Deus...

Homem – Desculpe tantas perguntas. É que não tenho muita prática nestas coisas. É a primeira vez que recebo a extrema-unção...

Mulher – Sim, imagino... Ao menos quer confessar-se, meu filho?

Homem – Não sei... É obrigatório?

Mulher – Digamos que é vivamente aconselhável. Para a salvação da sua alma.

Homem – Bem... afinal, o que é que tenho a perder?

Mulher – Estou a ouvi-lo, meu filho.

Ele pensa um momento e depois olha para ela como se só agora a tivesse visto.

Homem – Tenho de lhe confessar que...

Mulher – Sim?

Homem – É um pouco embaraçoso.

Mulher – Porquê, meu filho?

Homem – É tão parecida com a minha mulher.

Mulher – Estou a perceber...

Homem – Compreenderá que, para um homem casado, ver o confessor com a cara da mulher...

Mulher – Fique descansado, meu filho. Mesmo que eu fosse a sua mulher, estaria obrigada ao segredo da confissão...

Homem – Bem... Só não sei por onde começar.

Mulher – Comece pelo fim.

Homem – É muito difícil confessarmo-nos quando perdemos a memória, sabe...

Mulher – Ao menos sente-se culpado, meu filho? Já seria um começo...

Homem – Não sei... Continuamos a ser culpados quando já nem nos lembramos das nossas faltas?

Mulher – Não se lembra mesmo de nada?

Homem – Nem sequer me lembro de onde estacionei o carro.

Mulher – Como não está em condições de confessar os pecados, vou dar-lhe a absolvição na mesma. Pelo benefício da dúvida...

Homem – Obrigado pela confiança, padre. Vou tentar não a desiludir.

Mulher – Mas não se esqueça de regularizar a sua situação assim que puder.

Homem – Prometo. Palavra de honra. Que caia aqui morto se estiver a mentir...

Ela abençoa-o com o sinal da cruz.

Mulher – Em nome do Pai, da Mãe e do Filho.

Homem – Ámen.

Escuro. Música de espera de um atendedor de chamadas.

5 - A Fénix

Luz.

O homem vai recuperando os sentidos na cama. Entra uma mulher com ar de executiva e um computador portátil dentro de uma pasta.

Mulher – Meu caro senhor, bom dia!

Homem – Bom dia...

Mulher – Dê-me só um instante, não demoro nada.

Homem – Faça favor...

Tira o computador da pasta, liga-o e coloca-o na mesa de cabeceira, de modo a que ele possa ver o ecrã.

Mulher – Lembra-se da palavra-passe do Wi-Fi?

Homem – Nem sequer me lembro do meu nome.

Mulher – Não faz mal, passamos sem ela. *(Pigarreia.)* Meu caro senhor, fiz questão de o vir visitar sem demora porque tenho excelentes notícias.

Homem – Um medicamento novo, talvez? Uma cura milagrosa? Alguma coisa que me possa salvar a vida?

Mulher – Tirou-me as palavras da boca! Os novos produtos financeiros que lhe venho propor podem mudar-lhe a vida.

Homem – Então a senhora não é médica.

Mulher – Sou a sua consultora financeira. Tem uma conta no Crédito Geral, não tem?

Homem – Sim... talvez.

Mulher – E posso garantir-lhe que é um dos nossos melhores clientes.

Homem – Ainda bem. Porque nem sequer sei se sou um bom católico...

Mulher – Não se preocupe, não é preciso ser católico para especular na bolsa. E, por ser um cliente privilegiado, quis dar-lhe acesso em primeira mão às nossas novas oportunidades de investimento, com rendibilidades absolutamente excecionais.

Homem – Ah, sim...

Mulher – Veja este gráfico. *(Mostra-lhe uma curva.)* O nosso novo fundo de ações, Fénix, valorizou vinte e sete por cento em apenas seis meses.

Homem – Fénix? Que nome prometedor. Mas porquê esse nome?

Mulher – Porque, no ano anterior, perdeu setenta e três por cento do valor em bolsa. É um investimento arriscado, reservado aos mais audazes... mas renasce sempre das cinzas!

Homem – Não sei se posso dizer o mesmo de mim.

Mulher – Ora, tenho a certeza de que é um lutador. A longo prazo, a bolsa compensa sempre.

Homem – A longo prazo... Já lhe disse que acabei de receber a extrema-unção?

Mulher – Era precisamente aí que eu queria chegar. Não lhe escondo que tem de tomar uma decisão depressa. É uma oportunidade única, mas não chega para todos. Só os clientes mais rápidos conseguirão aproveitá-la.

Homem – Não sei se ainda tenho grandes reflexos. Nem sequer reajo aos tratamentos médicos. Na verdade, já me pergunto se não estarei morto...

Abre a pasta e tira um folheto, que lhe estende com um sorriso comercial.

Mulher – Não se preocupe... Também temos toda uma gama de seguros... para a vida e para a morte.

Homem *(pegando no folheto)* – Obrigado...

Mulher – Deixo-o pensar, meu caro senhor. Não queremos pressionar ninguém, pois não? A nossa função é, acima de tudo, aconselhar...

Homem – Pois, vou pensar nisso.

Mulher – Tenho de ir. Ainda tenho outros potenciais investidores para visitar aqui. Já agora, o que é isto? Uma espécie de lar de idosos?

Homem – Uma unidade de cuidados paliativos.

Mulher – Exatamente. Então, até breve! Mas decida-se depressa, meu caro senhor. Sobretudo no seu caso, não tem tempo a perder... e seria uma pena deixar escapar esta oportunidade.

Escuro.

Música de espera de um atendedor de chamadas.

6 - Feliz acontecimento

Luz.

Uma pessoa está deitada na cama, com o rosto escondido. Entra um homem com roupa de outra época e um ramo de flores na mão. Ao ver que a mulher dorme, deixa o ramo na mesa de cabeceira e sai. Ela acorda, senta-se e repara nas flores. Ele regressa com uma jarra cheia de água.

Homem – Não te quis acordar...

Mulher *(desorientada)* – Obrigada pelas flores.

Ele põe as flores na jarra e deixa-a na mesa de cabeceira.

Homem – Como te sentes?

Mulher – Dormi mal... Tive um pesadelo em que tu é que estavas doente e eu vinha visitar-te.

Homem – Mas tu não estás doente.

Ela parece surpreendida.

Mulher – Então porque é que estou numa cama de hospital?

Homem – Mas, querida! Estamos na maternidade. Acabaste de dar à luz...

Mulher – Ah, sim...

Homem – Ainda deves estar sob o efeito da anestesia.

Mulher – Anestesia?

Homem – Foi um bocadinho complicado, depois explico-te. Mas não te preocupes: agora vai correr tudo bem.

Mulher – E o bebé?

Homem – É uma menina.

Mulher – Uma menina? Que maravilha...

Homem – Bem, quando digo «uma menina»...

Mulher – Posso vê-la?

Homem – Foi um bocadinho complicado. Depois explico-te...

Mulher – Não sobreviveu ao parto, foi isso?

Homem – Não, não morreu, descansa. Quer dizer... «descansa» talvez não seja a palavra...

Mulher – O quê? Ela sofreu durante o parto? Vai ficar com sequelas?

Homem – Não... Pelos vistos, não vai ter sequelas. É só que...

Mulher – É mongoloide?

Homem – Não, também não. E, já agora, hoje diz-se «trissomia 21».

Mulher – Estou-me nas tintas para o nome! É normal ou não é?

Homem – Sim... e não.

Mulher – Como assim, sim e não? Ou se é normal ou não se é!

Homem – Digamos que é normal... para uma extraterrestre.

Uma pausa.

Mulher – Estou a ver...

Homem – Estás a ver? Nem pareces surpreendida...

Mulher – Estou, claro que estou, mas... agora estou a lembrar-me...

Homem – A lembrar-te do quê? *(Parece perceber subitamente.)* Queres dizer-me que me traíste com um extraterrestre e só agora é que te lembras disso?

Mulher – Não é nada do que estás a pensar, juro.

Homem – Ah, não?

Mulher – Para ter um filho, nem sempre é preciso um pai e uma mãe. Pensa no Menino Jesus e na Virgem Maria, por exemplo!

Homem – Na Virgem Maria? Estás a gozar comigo? Eu não me chamo José e sei reconhecer uma adúltera quando vejo uma!

Mulher – É um pouco mais complicado do que isso...

Homem – A minha mulher traiu-me com um extraterrestre. Acabou de dar à luz um alien quando eu julgava que era o pai! É difícil imaginar uma coisa mais complicada!

Mulher – E tens a certeza de que ela é normal...?

Homem – Normal? Parece o E.T., estou-te a dizer!

Mulher – Só me pergunto como é que um ginecologista pode saber se um bebé extraterrestre é normal, quando nem sequer sabe de que planeta vem o pai.

Homem *(abatido)* – Tens razão... Sobretudo quando o ginecologista é romeno. Porque isso, pelo menos, sabemos...

Escuro.

Música de espera de um atendedor de chamadas.

7 - Tinta invisível

Luz. O homem está novamente sentado na cama, a olhar para o vazio. Entra uma mulher de roupa sóbria, com uma pasta na mão.

Mulher – Bom dia. Peço desculpa pelo atraso. Tive um pequeno contratempo.

Homem – Conhecemo-nos?

Mulher – Desculpe, nem me apresentei. Nunca tivemos o prazer de nos conhecer. Sou a doutora Colombin, a sua notária.

Homem – Doutora Colombin?

Mulher – O nome diz-lhe alguma coisa?

Homem – Deixe-me pensar... Colombin, Colombo, columbário... Não sei porquê, mas parece-me que estou metido num grande sarilho.

Abre a pasta e tira alguns documentos.

Mulher – Precisamente a esse respeito... Como combinámos, preparei os documentos que me pediu.

Homem – Ah, sim...?

Mulher – O seu testamento. Não se lembra?

Homem – Não.

Mulher – Em todo o caso, convém sempre pôr os assuntos em ordem. Para qualquer eventualidade...

Homem – Há pouco também me disse isso um padre.

Mulher – Ninguém é eterno, pois não? Eu própria, a caminho daqui, tive um pequeno acidente de carro. Um condutor irresponsável. Podia ter sido muito pior. Aliás, foi por isso que me atrasei.

Homem – Portanto, é por isso que a notária chega depois do padre. Estava a achar estranho...

Mulher – Tivemos de preencher a declaração amigável do acidente... Aquele idiota não queria admitir que a culpa era dele. E era um padre, imagine! Afinal, um padre também pode agir de má-fé...

Homem – Um padre que, por acaso, era muito parecido com a minha mulher, imagino.

Mulher – Mas não quero fazê-lo perder tempo. Eu também já estou bastante atrasada... *(Estende-lhe um maço de folhas e uma caneta.)* É só rubricar e assinar. Nem sequer precisa de ler tudo.

Ele hesita antes de pegar nos documentos e na caneta.

Homem – Bem, suponho que não tenho alternativa. Até parece que estou a assinar a minha sentença de morte...

Tenta assinar, mas interrompe-se depois de algumas tentativas.

Mulher – Algum problema?

Homem – A sua caneta não escreve.

Mulher – Deixe cá ver... *(Inclina-se sobre o papel.)* Ah, não... Esqueci-me de lhe dizer. É tinta invisível.

Homem – Tinta invisível?

Mulher – Sumo de limão, para ser mais precisa.

Homem – Ah, está bem...

Mulher – Vá lá, assine. *(Enquanto ele rubrica e assina.)* Compreende, os notários nem sempre são bem recebidos nas unidades de cuidados paliativos.

Homem – Que coisa estranha.

Mulher – E pensar que até levam palhaços para esses serviços, na esperança de aliviar o sofrimento dos doentes fazendo-os morrer a rir. Pessoalmente, acho que não há nada mais triste do que um palhaço, e o senhor?

Homem – Talvez um notário...

Mulher – O circo, em geral, é de uma tristeza... Sempre achei que cheirava a morte. E as feiras populares, nem se fala.

Homem – Estávamos a falar de sumo de limão, creio eu...

Mulher – Que quer? Há pessoas mais desconfiadas do que outras. Há familiares que receiam que façamos os seus entes queridos assinar qualquer coisa no leito de morte, para lhes ficarmos com as poupanças e os privarmos da herança.

Homem – Assim, se encontrar algum deles à saída, mostra-lhe este testamento e diz: «Está a ver? Ele não assinou nada.»

Mulher – Exatamente.

Homem – E, quando chegar ao escritório, passa o papel por cima de uma vela para fazer aparecer a tinta do limão. Eu também fazia isso em criança.

Mulher – Todos já fomos crianças, não é?

Homem – Mas só os notários conservaram a alma de criança...

Mulher – Tenho de me ir embora. Ainda tenho outros moribundos para visitar hoje.

Homem – Só por curiosidade... O que diz, afinal, esse testamento?

Mulher – Deixa todos os seus bens a uma fundação dedicada a estabelecer contacto com civilizações extraterrestres.

Homem – Se isso ao menos me permitir voltar a contactar com a minha mulher...

Escuro. Música de espera de um atendedor de chamadas.

8 - Acerto de contas

Luz.

O homem acorda na cama. A mulher regressa de bata branca.

Mulher – Bom dia, meu caro senhor.

Homem – Bom dia, doutora.

Mulher – Nem vou perguntar se está bem. É daquelas perguntas que fazemos por hábito e só depois percebemos que não devíamos ter feito.

Homem – Por acaso não viu sair daqui uma notária com um testamento assinado a tinta invisível?

Mulher – Meu caro senhor, acho que, no ponto a que chegámos... Quero dizer, no estado terminal em que se encontra... Já não vale a pena fingirmos que está tudo bem, pois não?

Homem – Devo concluir que continua sem ter boas notícias para mim?

Mulher – Ainda nos deve bastante dinheiro. Ao menos devo-lhe a verdade. Foi, como se costuma dizer, uma operação de última hipótese. Infelizmente, não resultou. Lamento muito.

Homem – Não me espanta. Nunca tive sorte...

Mulher – Não tenha arrependimentos. Na nossa linguagem, uma operação de última hipótese é precisamente uma operação que não tem nenhuma hipótese de resultar.

Homem – Estou a perceber.

Mulher – A história da última hipótese é só um truque dos médicos para dar alguma esperança à família e ao doente, enquanto se espera pelo desfecho fatal.

Homem – Sim, já percebi a ideia...

Mulher – Conhece muitos doentes que tenham sobrevivido a uma operação de última hipótese?

Homem – Não, confesso que não...

Mulher – Pois... E não podemos acreditar que todos tenham tido tão pouca sorte...

Homem – Portanto, estou condenado.

Mulher – Não empregaria uma palavra tão dura, mas... sim, meu caro senhor, chegou a hora de fazer o balanço da sua vida... e de acertar contas com a sociedade. A começar pela sociedade que detém a maioria das ações deste hospital...

Homem – Agradeço-lhe a franqueza, doutora Ionesco.

Mulher – Infelizmente, vou ter de lhe pedir que deixe de me chamar doutora.

Homem – Ah, sim?

Mulher – Depois de reexaminarem os meus diplomas e a taxa de mortalidade do meu serviço de cirurgia, os responsáveis do hospital acharam melhor transferir-me para a contabilidade.

Homem – Compreendo, mas... então o que vem cá fazer?

Mulher – Quando falei em acertar contas, não era uma metáfora... Venho apresentar-lhe a conta, meu caro senhor. Vai deixar-nos, é verdade, mas não esperava sair daqui sem pagar, pois não? E com o seu seguro de saúde... Nunca lhe recomendaram um seguro complementar?

Homem – E se não tiver dinheiro para pagar?

Mulher – Isso pode prejudicar seriamente a salvação da sua alma. O nosso serviço de cobrança tornou-se de uma eficácia extraordinária.

Homem – Mais eficaz do que o serviço de cirurgia, pelos vistos.

Mulher – Digamos que... os romenos deste hospital têm-se revelado muito melhores a cobrar dívidas do que a operar cérebros... E agora os nossos acionistas têm ligações nas mais altas esferas.

Homem – Está a falar... lá de cima?

Mulher – Que quer? Os fundos soberanos que nos governam já eram geridos por mortos-vivos. Começaram a comprar lares, hospitais, igrejas, cemitérios... Era inevitável que acabassem por adquirir participações no Céu e no Inferno.

Homem – E então?

Mulher – Agora a escolha é sua. Mas fique a saber que os maus pagadores são muito mal vistos no Céu.

Escuro.

Música de espera de um atendedor de chamadas.

9 - Uma foice falsa

Luz.

O homem está deitado na cama. Entra uma mulher vestida de preto, com uma foice.

Mulher – Então, meu caro senhor? Chegou a hora da grande partida? Não vejo a sua malinha. Entre nós, não vai precisar dela para onde vai, mas parece que as pessoas ficam mais descansadas...

Homem – Essa foice é verdadeira?

Mulher – Ah, isto? Claro que não! É de plástico. Veja!

Pega na lâmina e dobra-a.

Homem – Ah, está bem.

Mulher – Imagine se fosse verdadeira! Ainda alguém se magoava.

Homem – Sobretudo num hospital.

Mulher – A foice é só um símbolo. Como a vassoura das bruxas ou o báculo dos bispos. Assim, reconhecem-nos mal nos veem.

Homem – Realmente, reconheci-a logo.

Mulher – Pelo menos poupa-nos as apresentações. Imagine a cena: «Bom dia, sou a Morte. Venho ceifar o pouco fôlego que lhe resta, depois de o contabilista deste hospital já lhe ter ceifado as últimas poupanças.»

Homem – Pelo menos não lhe falta sentido de humor...

Mulher – Comigo não se vai aborrecer, verá. Então, está preparado?

Homem – Meu Deus... Tão preparado quanto é possível. O que tenho de fazer?

Mulher – O senhor, nada. Eu só tenho de apagar a luz...

Homem – Vai acompanhar-me nesta última viagem?

Mulher – Não, não se preocupe. Sou apenas a mensageira. Uma espécie de carteira dos correios, se preferir. Venho entregar uma carta registada com aviso de receção. Depois...

Homem – Está bem... Dê-me só mais um minuto?

Mulher – Se quiser ir mijar uma última vez, é agora. Depois já não terá com que o fazer. Acredite, a partir de certa idade, isso também tem as suas vantagens.

Escuro.

Música de espera de um atendedor de chamadas.

10 - A grande partida

Luz.

O homem levanta-se da cama e pega numa mala. Entra uma mulher com um fato que faz lembrar um extraterrestre.

Mulher – Olá, querido.

Homem – Mas não percebo... Onde está a...?

Mulher – A Morte? Mandei-a buscar dois cafés à máquina. Nunca pensei que fosse tão fácil livrar-me dela. Mas não temos tempo a perder...

Homem – Então era verdade? Sou mesmo casado?

Mulher – Tão verdade como eu ser extraterrestre.

Homem – Mas... como é que isso é possível?

Mulher – É uma história complicada... A minha mãe é que... Conto-te durante a viagem.

Homem – Que viagem?

Mulher – Vou levar-te ao planeta de onde venho.

Homem – E o que é que vai acontecer?

Mulher – Acredita em mim, os nossos hospitais são muito melhores do que este.

Homem – E imagino que não corra o risco de encontrar lá um interno romeno.

Mulher – Nenhum.

Ele lança um olhar em volta.

Homem – E nunca mais voltamos aqui?

Mulher – Não me digas que vais ter saudades deste sítio.

Homem – Já estava a habituar-me...

Mulher – Se preferes esperar que a Morte volte do serviço de Psiquiatria com os cafés e a foice de plástico... Afinal, já recebeste a extrema-unção. Podes tentar a tua sorte com o padre.

Homem – Não confio muito nisso... A aposta de Pascal... Nunca tive sorte com apostas. Aliás, nunca tive sorte com nada. Até falhei a operação de última hipótese, quanto mais a operação do Espírito Santo...

Mulher – Preferes confiar numa extraterrestre?

Homem – Se for parecida com a minha mulher, porque não? Portanto, nunca mais voltamos...

Mulher – Talvez um dia. Mas não tão cedo.

Homem – Daqui a muito tempo, queres dizer?

Mulher – O tempo... É isso que vais ter de esquecer. E agora temos de ir. Já estou a ver a outra ali a impacientar-se, com a sua verdadeira foice de plástico...

Homem – Vai ficar desiludida. Eu só lhe disse que ia fazer chichi...

Mulher – Ela imagina que, depois da morte, as pessoas sobem diretamente ao Céu, acompanhadas pelo anjo da guarda. Não quisemos contrariá-la.

Homem – E, afinal, no meu caso, não está inteiramente enganada. Só que o meu anjo da guarda é uma marciana.

Mulher – Por isso prefiro que já cá não estejamos quando ela voltar. Deus é como o Pai Natal: no dia em que o vemos, deixamos de acreditar nele. *(Estende-lhe a mão.)* Vamos?

Homem *(hesitante)* – A minha mãe também vai estar lá?

Mulher – Já te disse... Não é o Paraíso. Até a Virgem Maria vai lá estar.

Homem – Nunca pensei ouvir uma coisa destas. Começo a perguntar-me se não estou louco.

Mulher – A vida é uma longa terapia de que nem sempre saímos curados.

Homem – E também é uma longa doença de que saímos sempre mortos. Em que consiste a operação?

Mulher – Num transplante de cérebro.

Homem – Ah... Nesse caso, talvez seja melhor fazer uma cópia de segurança...

Mulher – Vamos transplantar-te um cérebro marciano. Infelizmente, não conseguiremos recuperar os dados que tens agora na memória.

Homem – Bem... Já quase não me lembrava de nada. E nem todas as minhas recordações eram boas. Pensando bem, não é assim tão grave. Não, não me arrependo de nada. Vou começar do zero...

Mulher – Isso faz-me lembrar uma canção...

Homem – Contigo... iria até ao fim do mundo... se mo pedisses...

Ela dá-lhe a mão.

Mulher – Então, vamos...

Saem.

Escuro.

Música de espera de um atendedor de chamadas.

Luz.

O quarto está vazio. A cama também. Entram um médico e uma enfermeira, ambos de bata branca.

Mulher – Ah, neste quarto já não está ninguém...

Homem – Não. O doente deixou-nos ontem. Tinha sido operado pela doutora Ionesco...

Mulher – A última operação dela...

Homem – E a última vítima...

Mulher – Fica uma cama livre para o próximo.

Homem – Em contrapartida, já nasceram três bebés esta manhã na maternidade.

Mulher – Uns partem, outros chegam... É o grande ciclo da vida.

Começam a sair.

Homem – Sabe o que lhe aconteceu?

Mulher – Morreu, não foi?

Homem – Estava a falar da Ionesco.

Mulher – Ah... Ela também se foi embora. Acho que agora faz teatro.

Homem – Sempre é melhor do que estar morto.

Mulher – Sim... talvez...

Escuro. Música de espera de um atendedor de chamadas.

Voz gravada – Não desligue, Deus vai atendê-lo dentro de momentos...

A música recomeça.

Voz gravada – Não desligue, Marte vai atendê-lo dentro de momentos...

A música recomeça.

Voz gravada – Não desligue, Ionesco vai atendê-lo dentro de momentos...

A música recomeça.

Ouve-se o sinal de linha ocupada ou de chamada interrompida.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Octubre de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-058-2

Documento para download gratuito